

A AUTORA

Maísa Zakzuk

Radialista, especialista em TV educativa para crianças. Dirige o programa *X-Tudo* e é uma das diretoras do programa *Ilha Rá-tim-bum*, em fase de produção, ambos na TV Cultura, São Paulo.

TV: UMA CAIXA DE SONHOS E SURPRESAS

X-Tudo, programa infanto-juvenil de qualidade para formar um público exigente

Quem é que não dá uma olhadinha quando vê uma equipe de televisão em “ação” na rua? Confesso que, até hoje, mesmo trabalhando em televisão há quatorze anos, me deslumbro e vou logo querendo saber o que está acontecendo ali. Ou seja, a gente quer SE LIGAR e ver o que está sendo preparado para assistirmos na televisão. Não pense que vou ter a resposta para explicar o fenômeno de fascinação que a TV exerce nas pessoas. Mas, com certeza, posso falar sobre o fascínio que tenho pela televisão e, mais, a felicidade que tenho em fazer televisão. E, ainda, o quanto me orgulha trabalhar com programas educativos da Rede Cultura. Nesta emissora, de reconhecimento internacional por seus premiados programas, tenho

a responsabilidade de dirigir programas infanto-juvenis. Direção, criação, produção são as áreas às quais me dedico em todos esses anos e gostaria de compartilhar muitas experiências interessantes.

Quando tinha 16 anos, eu era pianista de uma banda chamada *Tropical Som*. Pois é, ninguém deve ter ouvido falar. A banda não era lá grande coisa, mas a nossa vocalista arrasava. Tanto que ganhou o respeitado concurso de calouros do programa do Bolinha. O nível dos cantores era altíssimo. E... lá ia eu torcer pela nossa cantora. Passei semanas e mais semanas na platéia do Bolinha! Foi a primeira vez que entrei em um estúdio de televisão. Difícil era escolher para onde olhar. Tanta novidade acabava me desviando do papel de torcedora para entrar no *maravi-*

lhoso mundo da televisão. Assim, visitava os camarins, andava pelos corredores da técnica para observar tudo o que podia. Ficava fascinada ao ver toda aquela equipe trabalhando para colocar o programa no ar.

Meus olhos, como câmeras, perseguiram as melhores cenas dos bastidores. Observava as *boletes* ensaiando a coreografia. Não desgrudava os olhos do trabalho do *cameraman* até que se ouvia o inesquecível “gravando”. Basta eu recordar para me emocionar. Aí, como dizem por aí, o bichinho da TV me pegou. Resolvi, poucos meses depois, prestar vestibular para Rádio e Televisão, em vez de Música, como havia imaginado. Muito obrigada, Bolinha!

TV: IMPORTANTE TAMBÉM PARA QUEM FAZ

Em primeiro lugar, adoro responder à pergunta: o que você faz? “Ah... eu trabalho na televisão”. Incrível! As pessoas parecem começar a admirar você. Não é louco?!

Fui e sou vítima dessa situação. Condição, aliás, que não me incomoda. Comecei a trabalhar em TV no programa *Vestibulando*, da Rede Cultura, em 1987. Era estagiária de produção. Atendia telefone, servia café para os convidados até que, depois de um ano, passei a escrever roteiros do programa, sob a supervisão da diretora, uma profissional que me incentivou muito.

Foi aí que comecei a ter visão de todas as funções envolvidas na produção de um programa educativo. Acima de tudo, televisão é equipe!

Poucos meses antes de concluir o curso de Rádio e Televisão da FAAP, em 1989, fui convidada pelo diretor cultural Carlos Queiroz Telles para montar uma equipe de produção de eventos culturais patrocinados pela Lei Sarney. Foram sete meses de intenso trabalho para produzir livros e espetáculos, bem como para implantar bibliotecas e videotecas em grandes empresas. Mas, em 1990, a convite da responsável pelo departamento de produção de programas infanto-juvenis da Rede Cultura, voltei para a televisão.

O *Revistinha* foi o primeiro programa infanto-juvenil em que trabalhei. Foi neste programa que descobri o meu gosto especial em reportagens externas. Na verdade, era uma das responsáveis pelas enquetes nas ruas, como por exemplo: qual é a parte do seu corpo de que você menos gosta?; como são realizadas as eleições?; e qual é o seu passatempo preferido?

Logo depois, passei a fazer parte da produção do programa *Glub-Glub*, voltado para crianças da pré-escola. Um casal de peixinhos protagonizava esse programa que foi um sucesso de público. No final do ano de 1991, tivemos uma reunião em que mencionamos alguns programas da nossa infância, exibidos pela Rede Globo e falamos muito do *Globinho*. Voltei para casa pensando como gostaria de produzir um programa desses. Foi aí que tive a idéia de escrever um projeto de programa para crianças de sete a doze anos. Comecei a criar quadros, separando-os por áreas. Imaginei um quadro de pequenas reportagens, outro que incentivasse a leitura, uma pequena agenda de passeios para as crianças, entre outros. Bati na porta da sala de Beatriz Rosenberg, responsável pelos programas infanto-juvenis. Ela não

só encaminhou o projeto, como também auxiliou na formatação.

Era óbvio, e hoje concordo, que uma garota de 23 anos não tinha experiência para assumir a direção do, ainda sem nome, programa. Portanto, dois diretores foram chamados para dirigir o programa e passei a produzi-lo. Foi definida a linguagem do programa que, após alguns meses, batizei de *X-TUDO*.

O programa *X-TUDO* estreou no dia 10 de abril de 1992. Rapidamente conquistou o público e a crítica especializada. Anos depois, passei a dirigir as reportagens e, em 1997, assumi a direção geral do *X-TUDO*. Atualmente, além da direção do *X-TUDO*, sou uma das diretoras do programa *Ilha Rá-Tim-Bum*, em fase de produção.



EDUCAÇÃO PELA TV

Antes da televisão e antes mesmo da faculdade, fiz o curso de magistério no Colégio Mackenzie. Estagiei em diversas escolas de ensino fundamental. Hoje, percebo que a vivência com crianças me possibilitou entender a necessidade que elas têm de se divertir. Ficou também muito claro a nossa responsabilidade em educá-las. Ainda que a distância, como na televisão. Educar é *reformatar* o mundo e isso é possível pela TV.

Um programa educativo na televisão tem como objetivo informar sobre algu-

ma determinada área do conhecimento. Mas, é necessário, também, formar: estimular o raciocínio, explorar o pensamento associado e dar a oportunidade para que o nosso público amplie o SEU universo de conhecimento. Acertar na linguagem verbal e visual pode garantir que o programa seja atraente e cumpra seus objetivos educacionais.

FERRAMENTAS: ASSUNTOS VARIADOS

Sempre acreditei na importância vital de saber quem é nosso público. Isso é essencial para trabalharmos a linguagem, a maneira de se tratar o assunto e o foco que se pretende dar. Nem sempre o público para o qual escrevemos é o único a assistir ao programa. É por isso que dizem que a televisão trabalha com uma linguagem mediana. A idéia é que, deste modo, uma criança de 7 anos ou um adulto de 80 acompanhe o mesmo programa. Cada um terá sua leitura.

É preciso sair do lugar-comum, trabalhar temas muitas vezes considerados fora do universo, no caso de crianças, principalmente. Será que isso existe? Quem julga o que está dentro ou fora de tal universo? Na minha opinião, se determinado assunto não é do universo, passa a ser. Todos os assuntos podem interessar ao telespectador, mesmo ao exigente público infanto-juvenil. Basta saber como tratá-los.

É preciso procurar com olhos atentos por assuntos variados. A nossa própria vida pode ser uma grande fonte de idéias para temas. Nas reuniões de pauta do programa *X-TUDO*, durante três horas, relatamos nossas vivências, que acabam virando temas para reportagem. Certa vez,

um produtor da equipe havia doado sangue e falou da importância daquele ato. Aquilo virou pauta e deu origem a uma reportagem muito elogiada pelos telespectadores e pelo Banco de Sangue do Hospital das Clínicas de São Paulo.

Além disso, deve-se estar atento às palavras utilizadas nos programas. Muitas vezes, alguns profissionais que trabalham para crianças procuram simplificar demais o vocabulário. Por quê? Algumas palavras *difíceis* para o público infantil não impedem a compreensão do conjunto! Ao contrário, elas podem enriquecer o vocabulário da criança.

Recordo-me de uma professora do curso de magistério que dizia: é preciso saber dez para se ensinar dois. Portanto, é necessário cobrir o roteirista de informações e *eleger* o foco a ser dado no roteiro e/ou no programa. Muita informação sobre o tema tratado vale só para quem está fazendo o programa. No caso de programas educativos com ficção é essencial avaliar o equilíbrio. Ficção e informação não podem competir.

As pessoas que trabalham em um programa educativo devem seguir à risca o que pregam. É impossível aceitar na equipe uma pessoa que jogue lixo no chão, que tenha gestos preconceituosos ou que seja agressiva. Certa vez, vivi uma experiência desastrosa. Estava no ônibus com toda a equipe, tínhamos acabado de gravar em um colégio a matéria *Não jogue lixo na rua*. E adivinhe o que aconteceu? O cinegrafista atirou uma latinha de refrigerante na rua! Não é incoerente?

As gravações do programa educativo devem respeitar todos os conceitos de educação. O programa é educativo, não é? Educação sempre é necessária e bem-vin-

da. Deve haver clima de respeito entre todos. A equipe técnica deve ser apresentada. Cria-se um ambiente mais humano e mais íntimo. É importantíssimo se respeitar os horários. Ninguém deve esperar. Todo atraso fica sendo responsabilidade da produção. Antes de ser um produto de televisão, a gravação deve ser prazerosa para todos da equipe!

É fundamental uma equipe de consultores. Na Rede Cultura, pedagogos, psicólogos e professores estão sempre a postos para nos orientar.

Avaliar temas a serem roteirizados, aprovar sinopses, revisar roteiros e acompanhar gravação fazem parte do trabalho desta equipe de profissionais especializada em programas educativos. Já aconteceu de uma cena gravada ser recusada pela consultoria. A empregada da série programa *Mundo da Lua* assopra a caneca de leite ao servir para o garoto Lucas. Para os consultores isso é um hábito extremamente anti-higiênico. Certa vez, em um roteiro do *X-TUDO*, descrevia-se uma cena em que o personagem estaria usando cotonete. Mais uma cena reprovada: muitos médicos condenam o uso de cotonete, sobretudo por crianças. Poderíamos escrever um capítulo inteiro sobre o cuidado com o público infante-juvenil. Nada de cigarro, bebida alcoólica, armas, facas e tesouras com ponta são proibidos nas cenas dos programas produzidos na Rede Cultura. Além disso, é preciso estar atento aos detalhes embutidos nos roteiros: preconceitos, julgamento de valores e tudo o que vá contra a cidadania.

nia (desperdício, desrespeito à natureza e ao ser humano).

Já vi muitos repórteres que, para entrevistar crianças, falam as palavras no diminutivo. Certo? Errado. Quer dizer, não é necessário. A criança precisa se sentir à vontade, como se ela estivesse falando com você. E como fazer isso? Antes da gravação, é preciso falar com ela, perguntar sobre assuntos que podem interessar a ela. E isso só se descobre conversando! É preciso estreitar a relação. Em instantes, ela terá você como mais um amigo. Quando a gravação for iniciada, será um bate-papo supergostoso.

O adulto poderia caber nessa regra, porém ele tem mais senso crítico e sente medo de parecer ridículo. Portanto, é essencial recebê-lo muito bem. Costumo dizer que a direção começa no convite feito à pessoa. A produção a convidou porque ela é importante para o programa. Portanto, deixe isso claro no primeiro contato. O convidado já estará sendo, diga-

mos assim, dirigido.

A que queremos assistir? O que não queremos na TV? Ao ligar e desligar, devemos lembrar que somos seres livres e com opinião formada.

Os programas podem ser sugeridos, assistidos ou recusados. A escolha é de cada um. Em se tratando de crianças, a responsabilidade dos profissionais que fazem televisão é maior.

Eu sigo a seguinte máxima (apesar de não ter filhos): “não devemos fazer com os filhos dos outros o que não queremos que façam com os nossos”.

No começo deste artigo contei que fico muito feliz ao dizer que “faço TV”. Porém, mais que isso, me orgulho em poder dizer que “faço TV de qualidade”.

Resumo: Máisa Zakzuk, diretora de programas infanto-juvenis da TV Cultura, São Paulo, relata, em seu depoimento, como decidiu ser uma profissional de televisão e como chegou à TV Cultura. Idealizadora e diretora do *X-Tudo*, trata de sua experiência com o público infantil, o cuidado com a produção do programa e seu compromisso com um conteúdo educativo-cultural de qualidade. Saliencia a importância do trabalho em equipe e anuncia seu próximo programa: *Ilha Rá-tim-bum*.

Palavras-chave: televisão educativa, TV Cultura, *X-Tudo*, público infantil, *Ilha Rá-tim-bum*

(TV: a box full of dreams and surprises)

Abstract: Máisa Zakzuk, TV Cultura's director for programs for young people tells us how she decided to become a television professional and how it was she made it to TV Cultura. Creator and director of the *X-Tudo* program, she comments on her experience with kids, talks about the care that is given to the program's production and about her commitment to quality educational and cultural content. She emphasizes the importance of teamwork and presents her next program: *Ilha Rá-tim-bum*.

Key words: educational television, TV Cultura, *X-Tudo*, kids, *Ilha Rá-tim-bum*